

ANÁLISE DE TRÊS MARCADORES CONVERSACIONAIS NA FALA DE PELOTAS/RS

PALLA, FABIANA FAGUNDES¹; AMARAL, LUÍS ISAÍAS CENTENO DO ²

¹Universidade Federal de Pelotas – fabianafag@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – luis.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este resumo é um recorte oriundo da pesquisa em andamento no Mestrado em Letras da UFPEL cuja proposta é apresentar, através da análise de entrevistas narrativas transcritas, o emprego dos marcadores conversacionais *né, aí e assim* na fala de Pelotas/RS. Valendo-nos das perspectivas teóricas da Sociolinguística Variacionista e da Linguística Funcional; os marcadores supracitados foram interpretados tanto quantitativamente, quanto qualitativamente. O *corpus* do presente trabalho é composto por 36 entrevistas narrativas, sendo 24 delas analisadas preliminarmente com finalidade exploratória, todas elas pertencentes ao Banco de Dados VarX. A variável principal considerada neste trabalho foi classe social e, dentro deste *corpus* ainda foram considerados os fatores grau de instrução (escolaridade), gênero e faixa etária dos entrevistados.

Este trabalho valer-se-á das perspectivas teóricas da Sociolinguística Variacionista precursorada por William Labov, e da Linguística Funcional norte-americana cujos principais expoentes são Givón, Hopper e Thompson.

Na Sociolinguística Variacionista, através de William Labov (1972), o principal objetivo era de desvendar os mistérios das mudanças linguísticas. Para tanto, investigou e relacionou a mudança (fenômeno diacrônico) com a variação linguística (fenômeno sincrônico).

No Funcionalismo Contemporâneo, a explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso, com a obrigação de descrever o fenômeno linguístico com base nas relações entre falante e ouvinte, considerando aspectos pragmáticos e semânticos.

2. METODOLOGIA

Para constituição do *corpus* foram selecionadas 24 entrevistas narrativas pertencentes ao banco de dados VarX (Pelotas) - composto em seu total por 90 entrevistas narrativas, logo foram ouvidos 24 informantes (12 homens e 12 mulheres), metade deles pertencentes à classe média alta e metade pertencentes à classe baixa, todos moradores de Pelotas.

Primeiramente, nas entrevistas citadas, fizemos o levantamento quantitativo dos marcadores *né, aí e assim* referentes aos 10-15 primeiros minutos de cada entrevista, com objetivo exploratório, para posteriormente realizarmos a análise do levantamento.

Por meio deste *corpus*, esperamos encontrar um grande número de ocorrências de MCs, e pretendemos, com isso, demonstrar que Marcadores Conversacionais, cujo uso é muito frequente nas mais diversas situações, também

estão presentes na fala de homens e mulheres, nas diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

	Classe Social		Gênero		Fx Etária		Classe Social		Gênero		Fx Etária		Classe Social		Gênero		Fx Etária	
	Bx	M A	Masc	Fem	16-25	50+	Bx	M A	Masc	Fem	16-25	50+	Bx	M A	Masc	Fem	16-25	50+
TOTAL	321	97	142	276	280	138	228	236	207	257	252	212	210	198	167	241	328	80
%	77	23	34	66	67	33	49	51	45	55	54	46	51	49	41	59	80	20
	418						464						408					

Tabela 1: Resultado percentual e em número de ocorrências dos MCs *né. aí* e *assim* (respectivamente).

Em linhas gerais, o que podemos descrever ao observarmos a tabela acima é a maior incidência dos três MCs nos indivíduos pertencente à faixa etária 16-25 anos, especificamente em relação ao MC *aí*, percebemos um grande número de ocorrências em falantes do gênero feminino, faixa etária 16-25 anos e classe baixa, e este fator chama a atenção, pois esta alta concentração de um MC num determinado grupo específico não é observada com os outros dois MCs, podendo indicar que o uso do MC *aí* é evitado pelos demais grupos, talvez pelo fato de seu uso ser considerado um fator de desprestígio, ou porque seu uso é reconhecidamente pertencente a um grupo do qual não se quer fazer parte.

O marcador *aí* apresentou um total de 418 ocorrências; considerando a variável classe social o quadro apresentado foi de 77% das ocorrências em falantes de classe baixa e 23% na classe média alta; em relação ao gênero dos informantes, 66% das ocorrências de *aí* se deram em falantes do sexo feminino; e na variável faixa etária, constatamos que 67% das ocorrências foram na faixa etária 16-25 anos. A partir da correlação destes dados podemos dizer que este MC é mais frequente em falantes de classe social baixa, do sexo feminino e da faixa etária 16-25 anos.

Em relação ao marcador *né*, considerando a margem de erro de 5% tanto para mais quanto para menos, não constatamos diferenciações de seus usos frente às variáveis sociais consideradas. Obtivemos os seguintes resultados: 51% das ocorrências do *né* em falantes da classe social média alta; 55% das ocorrências pertencem ao sexo feminino e 54% das aparições são em indivíduos pertencentes à faixa etária 16-25 anos. O total de ocorrências deste marcador neste *corpus* foi 464.

Já em relação ao marcador *assim*, este apresentou um total de 408 ocorrências que se distribuíram da seguinte maneira: 51% das aparições em falantes da classe baixa (variável classe social); 59% das ocorrências em falantes do sexo feminino e 80% das ocorrências em indivíduos da faixa etária 16-25 anos.

Ao juntarmos os dados podemos depreender que nos três marcadores, o maior número de ocorrências aparece nos falantes que pertencem à faixa etária 16-25 anos (67% - *aí*, 54% - *né* e 80% - *assim*) e do sexo feminino (66% - *aí*, 55% - *né*, 59% - *assim*), com relação à variável classe social só há uma diferença significativa em relação ao marcador *aí*, cuja predominância (77%) é em indivíduos da classe baixa.

4. CONCLUSÕES

Constatamos que apesar do estigma carregado, a variável classe social não apresenta significativa diferença no aparecimento dos marcadores *né* e *assim*, somente em relação ao MC *aí*, as variáveis relevantes considerando os três MCs são gênero e faixa etária, como podemos observar nos gráficos abaixo:

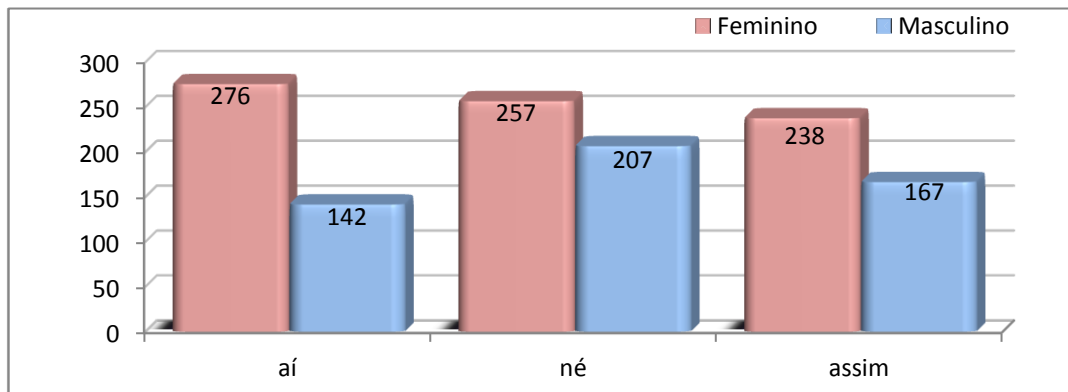


Gráfico 1: Ocorrências dos MCs *aí/ né?/ assim* em relação à variável gênero dos informantes.

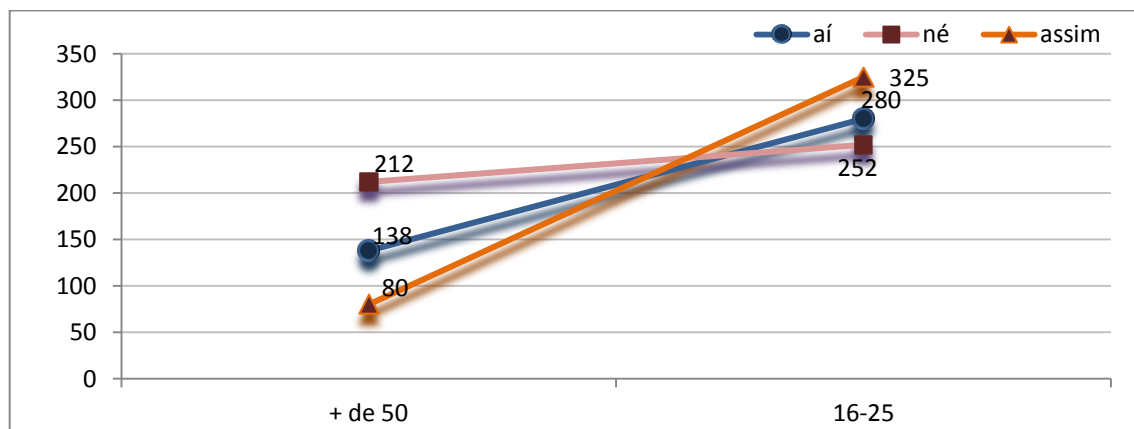


Gráfico 2: Distribuição quantitativa das ocorrências dos MCs *aí/ né?/ assim* em relação à variável faixa etária dos entrevistados.

Ao analisarmos as entrevistas mais detalhadamente, podemos fazer alguns apontamentos para o ocorrido: em relação à grande ocorrência do MC *aí* nas narrativas dos falantes de classe baixa observamos que esta incidência decorre do fato destes indivíduos apresentarem em suas falas uma menor variabilidade no uso de diferentes marcadores, elevando assim a ocorrência de alguns MCs específicos. Este fato é destacado ao verificarmos que no segundo grupo de falantes, classe média alta, a pequena ocorrência de *aí* pode decorrer da utilização de outros MCs equivalentes, tais como *então* e *depois*, os quais apresentam baixa ocorrência no primeiro grupo destacado.

Com estes resultados, não conseguimos ratificar estudos como o de Martelotta e Alcântara (1996), que justificam a escolha de informantes com segundo ou terceiro grau de escolaridade para o *corpus* de análise de seu

trabalho, baseados na maior ocorrência do *né* em informantes com estes graus de escolaridade no *corpus* do Projeto Integrado Discurso & Gramática. No banco de dados VarX (Pelotas), este fato não foi constatado o que pode indicar que nesta comunidade de fala este MC não é marca identitária de nenhum grupo específico analisado, já que é utilizado indistintamente por homens e mulheres, nas diferentes classes sociais e grupos etários.

A alta incidência de MCs no grupo etário 16-25 (observar o gráfico 2), principalmente relativa ao MC *assim*, sem grandes discrepâncias entre gênero e classe social, pode indicar uma forma de estes jovens marcarem-se frente aos demais grupos etários, utilizando os MCs como uma forma de distinguir quem pertence ou não ao grupo (faixa etária determinada). Do mesmo modo, os falantes pertencentes às outras faixas etárias podem evitar utilizar determinados MCs por considerarem inadequado falar como “adolescentes”, por exemplo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GIVÓN, Talmy. **A Compreensão da Gramática**. Tradução: Maria A. F. da Cunha; Mário E. Martelotta; Filipe Albani. São Paulo: Cortez, 2012. 485p.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria M. P. Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392p. (título original, 1972).

LABOV, William; HERZOG, Marvin I.; WEINREICH, Uriel. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. 151p.

MARTELOTTA, Eduardo; ALCÂNTARA, Fabiana. I Discursivização da partícula *né*? In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.156-163.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria M. da C. (Orgs.). **Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. pp.24-40.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. pp.73-102

URBANO, Hudinilson. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, Maria Helena de M.(Org.) **Gramática do português falado**. Vol. VII Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1999. pp.195-258.

_____. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999. pp.81-102.